

humanitas

Vol. LII

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HUMANITAS

Vol. LII • MM



AMÉRICO DA COSTA RAMALHO
Universidade de Coimbra

O TOURO E A BIGORNA: Quatro Epigramas de Cataldo

Abstract: – “*The bull and the anvil: four epigrams by Cataldo*”.

Four epigrams reflecting both the humanist’s preoccupation with the education of Theodosius, the little heir of the Bragança ducal family, and with his own health. He is now gout ridden and, very far from the once aggressive bull, he feels reduced to the situation of the anvil which cannot return the blows when beaten. Notice that *incus* (anvil), in Portuguese *bigorna* (from Latin *bicornua*), may allude to the *touro* (lat. *taurus*), bull.

São talvez os últimos epigramas que escreveu e encontram-se no final do manuscrito da Biblioteca e Arquivo Municipal de Évora (Ms. CXIV / I-I) que contém os dois poemas: *De Diuina Censura et Verbo Humanato*, em três cantos, o primeiro dedicado ao papa Leão X (subido ao trono pontifício, em Março de 1513) e os dois restantes ao cardeal Bernardino de Carvajal; e *Angelorum et Musarum triumphus, Gonsaluo Martini filio congratulantium*, sobre a morte de Gonçalo, filho de D. Martinho Castelo Branco, conde de Vila Nova de Portimão. Este último é celebrado outra vez no *Verus Salomon Martinus*¹.

Os quatro epigramas dão-nos o estado físico e psíquico de Cataldo nos últimos tempos da sua vida.

Retido no leito pelo reumatismo, sentia-se diminuído física e psiquicamente. Sempre fora um lutador que não hesitava em retorquir aos que pretendiam menosprezar os seus méritos, e sentia agora que o impetuoso touro

¹ Ver *Cataldo Parisio Sículo: Martinho, verdadeiro Salomão*. Prólogo, tradução e notas de Dulce da Cruz Vieira. Introdução e revisão de Américo da Costa Ramalho, Coimbra, Instituto de Estudos Clássicos, 1974.

antigo estava reduzido à bigorna que sofre os golpes dos outros sem poder retribuí-los (*ex tauro incus*).

O nome de bigorna, em português, descreve a forma física do objecto, com dois cornos (*bicornua > bicorna > bigorna*) e aproxima-o do animal. A linguagem figurada é, por assim dizer, objectivada.

A comparação fora já usada, aliás com consequências desagradáveis, numa carta a Pero Rombo que se correspondia em latim com o *orator* Vasco Fernandes de Lucena² e pedira a Cataldo que lhe aperfeiçoasse o latim. Cataldo dissera de si próprio, ao corrigir Rombo, que era a bigorna em que batia o poderoso martelo (*malleus fortissimus*) de Lucena. Este não entendeu a graça e achou que Cataldo lhe chamara bigorna (*incus*) e a si próprio se considerava o *malleus*. Resultado: uma carta furiosa de Lucena para Cataldo em que o velho jurista se excedeu, pelo que diz o italiano. Infelizmente, não temos a carta de Lucena³.

Mas voltemos a Cataldo. Preso ao leito de dor, lê-se noutro dos quatro epigramas, consola-o a visita do pequeno Teodósio, filho de D. Jaime, duque de Bragança. E é a educação do herdeiro da poderosa casa ducal, que parece preocupá-lo num epigrama do poeta, dirigido ao rei D. Manuel.

As relações do humanista com a Casa de Bragança vinham de longe. Cataldo fora professor de Dinis, irmão mais novo do duque D. Jaime, portanto, tio do pequeno D. Teodósio. Foi a D. Dinis que o irmão quisera deixar a casa ducal⁴ e o título, quando pretendeu meter-se a frade e fugir do país e do casamento com a filha dos duques de Medina Sidónia. Em 1512, D. Jaime havia de apunhalá-la, por ciúmes.

Nessa altura, já era nascido D. Teodósio, cujo ano exacto de nascimento se ignora. Há quem pense que terá nascido em 1505.

De D. Dinis e da vida do seu palácio, temos uma descrição de Cataldo na carta a seu primo, o Dr. Francisco Parisi, inserta no vol. II das *Epistolae*⁵. Também a carta inicial deste livro é dedicada a D. Dinis. Este D. Dinis casará em Espanha na família do conde de Lemos e lá morrerá. Uma sua filha virá a ser a primeira mulher do duque D. Teodósio.

² Sobre Lucena, ver A. Costa Ramalho, *Estudos sobre a Época do Renascimento*, Lisboa, 1997, p. 92; id., *Estudos sobre o século XVI*. Lisboa, 1983, ver "Índice Onomástico"; id., *Para a História do Humanismo em Portugal*, vol. III, Lisboa, 1998, pp. 30-34, 39, 138 e 140; id., *Para a História do Humanismo em Portugal*, vol. IV, Lisboa (no Prelo), pp. 22, 28-29, 42, 76-78, 143.

³ A carta de Cataldo vem em *Epistolae I*, Lisboa, 1500, fol. Bvj-bvjv^o.

⁴ A. Costa Ramalho, *Para a História do Humanismo em Portugal*, vol. III, Lisboa, 1998, cap. III.

⁵ Cf. Cataldo Parisio Sículo, *Epistolae et Orationes*. Edição fac-similada. Introdução de A. Costa Ramalho, Coimbra, 1988, p. 14-15.

As relações do humanista com os Braganças são mais profundas, e outros membros da poderosa família aparecem tanto nas suas cartas como nos seus versos. Assim acontece com D. Álvaro, irmão do 3º duque D. Fernando, executado em Évora, sob a influência de D. João II, em 1483. Portanto D. Álvaro é tio de D. Jaime, 4º duque de Bragança. A morte de D. Álvaro é descrita na *Visio Secunda*⁶.

Um seu filho, chamado Jorge, foi aluno de Cataldo. E quando D. Beatriz, filha do Senhor D. Álvaro, como era conhecido, casou com D. Jorge, filho bastardo do rei D. João II, Cataldo dedicou-lhe um *Epithalamium*, de que já falei mais de uma vez⁷. Depois de casada com D. Jorge, “*magister et dux*”, que fora educado pelo humanista, a duquesa de Coimbra recebeu cartas suas que se encontram em *Epistolae II*.

Deste modo, foi extensa e, em alguns casos, relativamente familiar, a relação de Cataldo Parisio com a Casa de Bragança.

Mais tarde, perto dos sessenta, foi também professor do membro mais jovem, D. Teodósio, que viria a ser o 5º duque de Bragança. Deixou fama de fidalgo culto, amigo de livros e de homens letrados⁸.

Vejamos agora os epigramas de Cataldo:

I

Ad triumphantissimum

Emmanuelem Regem Dominum Nostrum

Siquis scire uelit qui sit: quantusque Cataldus

Dum podagra in lecto uictus ab hoste gemit,

Ille sibi taurum facie cornuque minantem

Prostratum ante oculos fingat habere trucem.

Concisis tamen ense pedes: insurgere tentat,

Nec ualet: et cuiquam laesus obesse nequit.

Maxime rex: regumque decus: Theodosius aegrum

Qui puer aetate est: moribus: arte senex

Sustinet eloquio aspectu: et nisi uisitet actum

Esset de seruo uate iacente tuo.

⁶ Cf. A. Costa Ramalho, *Para a História do Humanismo em Portugal*, vol. III, Lisboa, 1998, p. 43-44.

⁷ Cf. A. Costa Ramalho, “O Cancioneiro Geral e Cataldo” em *Para a História do Humanismo em Portugal*, vol. I, Lisboa, 1987, p. 23-30.

⁸ Aires A. Nascimento, “A livraria de D. Teodósio I, duque de Bragança”, separata das *Actas do Congresso de História no IV Centenário do Seminário de Évora*”, Évora, 1994.

Ao vitoriosíssimo rei Manuel, Senhor Nosso.

Se alguém quiser saber como e quanto é Cataldo, enquanto vencido no leito pela gota (podagra) inimiga, geme, imagine que tem diante dos seus olhos um touro pronto a atacar com os cornos, um touro ameaçador mas prostrado.

Ferido, todavia, por uma espada nos pés, tenta atacar e não é capaz. E se alguém o fere, não pode fazer-lhe frente.

Muito grande rei e dos reis honra! Teodósio que na idade é uma criança, mas nos costumes e modos um velho, dá ânimo ao doente, com as suas palavras e presença. E se não o visitasse, estaria perdido o poeta teu criado, preso ao leito.

Os quatro epigramas formam um conjunto em que a ideia mestra, a saber, que Cataldo é como um touro furioso, incapacitado de responder aos ataques dos inimigos, porque a podagra, que lhe inutiliza os pés, o retém no leito, tal ideia se encontra expressa no primeiro e no último dos epigramas.

No último, todavia, ao passar de touro a bigorna, Cataldo afirma a sua vontade de sobrepor-se à doença que o paralisa.

Outra ideia repetida é a do *puer Cato* ou *puer Senex*, elogio já concedido noutra epigrama ao pequeno D. Teodósio. E aqui talvez nem se trate duma apreciação encomiástica, pois nada mais natural que a reserva numa criança que passara, há pouco, por uma terrível tragédia familiar. Se o epigrama é de 1513, ano em que D. Jaime comandou a expedição que conquistou Azamor no verão de 1513, D. Teodósio, a ter nascido em 1505, teria então oito anos. E no ano anterior, por ciúmes, seu pai assassinara sua mãe.

O pequeno herdeiro da casa ducal visita Cataldo que, ao que tudo indica, era seu mestre. E talvez estivesse mesmo instalado no palácio da Casa de Bragança em Lisboa.

O humanista estava tolhido de movimentos, certamente na fase final da podagra, de que há muitos anos se vinha queixando, como as suas cartas revelam.

II

Ad regem de Theodosio /
Contra assentatores

Surgit pulchra solo uillae tenera arbor amoënae
 Quam seruat custos assiduusque senex:
 Plantator uiuit felix, sed posta superno
 Consensu fertur angelicaque manu,
 Se uarios mostrat fructus mirosque daturam
 In terris quales consita nulla dedit:
 Ni folia et succum morsu mala belua damnet
 Harpyia et circum foeda frequentet auis.
 Nec semper uigilare potest ad talia custos,
 Cum modicum cessat, turpe pecus properat.
 Optime rex: haec est magnus Theodosius arbor:
 Cetera tu nosces quae nocitura cano.

Ao Rei sobre Teodósio, contra os bajuladores

*Do solo de Vila Viçosa ergue-se uma tenra e bela árvore
 que é protegida por um velho e assíduo guarda.*

*O plantador vive feliz, mas diz-se que, assente na
 opinião concorde do céu e na mão dos anjos, ela mostra
 vir a dar variados e maravilhosos frutos, quais na terra
 nenhuma árvore plantada deu,*

*se uma besta fera lhe não danar, mordendo-a,
 as folhas e a seiva, a Harpia, e esta ave nojenta lhe
 não andar em volta com frequência.*

*Em tais ocasiões, nem sempre o guarda pode estar vigilante.
 Que ele se descuide um pouco, logo acorre o sujo rebanho.*

Excelente rei! Esta árvore é o grande Teodósio.

*Quanto ao resto que em verso proclamo que
 poderá prejudicá-lo, tu o conhecerás.*

Cataldo está preocupado com a jovem planta que cresce em Vila Viçosa, num período em que o plantador, isto é, o duque D. Jaime está ausente. Também parece aludir à expedição africana de 1513. O duque partiu de Azamor para Portugal, em 21 de Novembro de 1513 e no fim do ano já estava certamente nos seus domínios europeus.

A preocupação do humanista italiano com o futuro duque de Bragança, que teria então oito anos, sugere que ele era seu mestre e educador, como o

fora com o duque de Coimbra, D. Jorge, filho de D. João II, e com D. Pedro de Meneses, 2º conde de Alcoutim e 3º marquês de Vila Real.

Cataldo chama a Vila Viçosa “uilla amoena”. Anos mais tarde, quando D. Teodósio deu em casamento sua irmã D. Isabel ao infante D. Duarte, irmão de D. João III, o jurista e poeta Doutor Manuel da Costa chamará “uilla laeta” à vila ducal, no poema *De Nuptiis Eduardi, Infantis Portugaliae, atque Isabellae, Illustrissimi Theodosi, Brigantiae Ducis, Germanae Carmen*⁹.

André de Resende, como é sabido, criou para Vila Viçosa um topónimo que é um composto grego: *Callipolis*¹⁰.

Cataldo terá vivido em Vila Viçosa? É possível, tanto mais que ele esteve com a corte em Évora e fala de Évora com simpatia¹¹.

Mas no presente epigrama Vila Viçosa, onde se encontra D. Teodósio, parece estar distante.

III

Ad Theodosium de ducis reditu

Terra seges longum frustra que exulta per annum

Sicca nimis pluuiâ deficiente fuit:

Maerebant homines interno corde gementes:

Pabula carpebat frigore adusta pecus.

At simul ad nostras uenit dux inclutus oras:

Arida diuinis arua rigantur aquis.

Dic mihi, prisce Cato, sunt haec arcana deorum,

An patris hoc donum stella benigna tulit?

A Teodósio, sobre o regresso do Duque

A terra estava demasiado seca, por um longo ano sem chuva, e em vão foi cultivada. Secas as searas e os frutos.

Lamentavam-se os homens que gemiam no íntimo de seus corações; o gado comia o pasto queimado pelo frio.

Mas logo que às nossas costas chegou o glorioso duque, os campos áridos foram irrigados por águas divinas.

Dize-me, ó antigo Catão: é isto segredo dos deuses, ou foi a estrela benigna de teu pai que nos deu tal presente?

⁹ A. Costa Ramalho, *Para a História do Humanismo em Portugal*, Vol. II, Lisboa, 1994, p. 153 e segs.

¹⁰ André de Resende, *As Antiguidades da Lusitânia*. Introdução, tradução e comentário de R. M. Rosado Fernandes. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1996, fol. 228.

¹¹ A. Costa Ramalho, “Algumas figuras de Évora no Renascimento”, *A Cidade de Évora*, 65-66 (1982-83), p. 5.

O epigrama não deve referir-se a uma chegada qualquer a Lisboa, do duque, mas alude claramente a uma vinda por mar. Deve, pois, lembrar o regresso de Azamor que D. Jaime conquistou em 1513. Podemos datá-lo de 1513/14.

O pequeno Teodósio é saudado como *priscus Cato*, referência ao *puer Senex*, a criança com sabedoria de velho, elogio hiperbólico usado por Cataldo, com outros alunos seus, até com um que mais tarde levou mau caminho¹².

A mudança do tempo para melhor, em coincidência com a chegada de um grande personagem, era correntemente assinalada na oratória do tempo, e ainda hoje é um tópico habitual na retórica dos oradores de ocasião.

D. Teodósio devia ter aguardado o pai vitorioso no palácio dos duques de Bragança em Lisboa, onde também estaria Cataldo.

IV

Ex tauro incus Cataldus

In primo toruum me feci epigrammate taurum:

Concisum saeuo sed tamen ense pedes.

Ferrea nunc uere geminis et cornibus incus

Esse mihi uideor ictibus icta caput.

Malleus hac unus me uerberat: alter et illac:

Caedor et innumeris undique uerberibus.

Ictus in dantes incus concussa remitto.

Vindico-proiiciens irrequieta-feros.

Cataldo, depois de touro, bigorna

No primeiro epigrama, fiz-me um touro iracundo, todavia com os pés cortados por cruel espada.

Agora verdadeiramente uma bigorna de ferro e com dois cornos, eu creio ser. Uma bigorna atingida por pancadas na cabeça.

Um martelo fere-me de um lado, e outro de outro lado. E sofro por toda a parte feridas sem conta.

Eu, a bigorna batida, retribuo as pancadas aos que me batem. Assim me vingo, repelindo sem parar as pancadas ferozes.

¹² *Cataldo Parisio Sículo, Martinho Verdadeiro Salomão*. Prólogo, tradução e notas de Dulce da Cruz Vieira. Introdução e revisão de A. Costa Ramalho. Coimbra, Instituto de estudos Clássicos, 1974. Ver “Índice Onomástico”, s.v., “Noronha, Inácio de”.

Cataldo gostava da imagética zoomórfica. A imagem do touro vem já nos *Epigrammata* e outras se encontram nos seus versos. Assim, D. João II é o *agnileo*, o “cordeiro-leão”, num epigrama intitulado significativamente “De Gallo pirata et agnileone” em que *Gallus* é não só “francês”, mas sugere também a ave doméstica, do mesmo nome.

E Santarém, sobranceira ao vale do Tejo, é *Aquila*, nome dado a uma colecção de poemas de que fazia parte o *De obitu principis Alfonsi*. O humanista António de Castro, na segunda metade do século XVI, ao encontrar um manuscrito com versos de Cataldo, tomou *Aquila*, título de livro, por apelido de Cataldo, lendo no começo do poema *Cataldi aquilae liber primus*, como se fosse “livro primeiro de Cataldo Áquila”, em vez de “Livro primeiro da *Águia* de Cataldo”.

Deste modo, quando essa colectânea foi impressa no século XVIII, nas *Provas da História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, tomo VI, 2ª parte, de D. António Caetano de Sousa, Cataldo passou a ser aí chamado Cataldo Áquila Sículo, quando não há qualquer dúvida de que o seu nome italiano era Cataldo Parisi, latinizado humanisticamente em *Cataldus Parisius Siculus*.

Sobre a imagem que constitui o cerne do presente epigrama, a do “martelo” (*malleus*) e da “bigorna” (*incus*), já falámos no início deste artigo.

Duas são, portanto, as imagens principais: a de Cataldo touro ameaçador, mas de pés cortados, e a de Teodósio, *priscus Cato* e *puer Senex*. A primeira abre e fecha os quatro epigramas, terminando numa nota optimista: o touro mutilado do epigrama I tornou-se bigorna (uma cabeça de touro, com dois cornos) que devolve as pancadas sofridas, no epigrama IV.

Quanto ao pequeno Teodósio, é gentil com o velho mestre doente de reumatismo, visitando-o e animando-o, no epigrama I; é a preocupação maior do *Senex custos*, certamente Cataldo, que no epigrama II se preocupa com a tenra árvore que cresce em Vila Viçosa; participa da alegria geral com o feliz regresso do duque, seu pai, no epigrama III; e só está ausente, no epigrama IV.

Assim, em três dos epigramas, fazem-se referências lisonjeiras ao pequeno Teodósio e Cataldo recomenda ao rei D. Manuel, a quem os epigramas terão sido enviados em manuscrito, o herdeiro da casa de Bragança. Outrora recomendara também, mas em prosa, ao mesmo rei D. Manuel, outros discípulos seus, como o conde de Alcoutim, D. Pedro de Meneses, e sua irmã, D. Leonor de Noronha, filhos do marquês de Vila Real, D. Fernando.

Quanto à situação psicológica do humanista, ganha relevo a linguagem figurada: depois de touro, bigorna (*ex tauro incus*). Entre estas duas imagens, a do animal agressivo e a do animal agredido, a velhice de Cataldo.

Ad triumphantissimum
Emanuelen. R. D. N.

Siquis scire uelit qui sit: quantusq; cataldus
Dum podagra in lecto uictus ab hoste gemit:
Ille sibi taurum facie cornuq; minantem
Prostratum ante oculos fingat habere trucein:
Concisus tamen ense pedes: insurgere tentat:
Nec ualet: et cuiquã lesus obesse nequit.
Maxime rex: regumq; Decus: theodosius egrum
Qui puer etate est: moribus: arte senex;
Sustinet eloquio: aspectu: et nisi uisitet. actum
Esse de seruo uate. iacente tuo.

Ad regem de theodosio
Contra assentatores

Surgit pulchra solo uille tenera arbor amenz
Quam seruat custes assiduusq; senex:
Plantator uiuit felix: sed postea superino